

Brasileiros no Canadá: em busca de segurança?

Zelia Schervier¹

Resumo: Estudos apontam a migração internacional como resultado da insegurança econômica no país de origem. Este texto apresenta uma pesquisa realizada em Toronto, com um grupo de imigrantes brasileiros, cujo objetivo era entender a relação entre a migração internacional e a insegurança no Brasil. O resultado aponta para o fator econômico, que pode ser visto como um tópico da insegurança, ao lado da insegurança política, ambiental, social e física, que tem contribuído para a migração de brasileiros. Essas dimensões, intrínsecas e resultantes das relações sociais, podem ser melhoradas através do “uso da força”, bem como através da “educação”, se queremos construir a *segurança humana* no Brasil.

Abstract: Studies point to international migration as a result of economic insecurity in the country of origin. This paper presents a research conducted in Toronto, with a group of Brazilian immigrants, intending to understand the relationship between the international migration and insecurity in Brazil. The results demonstrate that the economic factor can be seen as a topic of insecurity, besides the political, environmental, social and physical constrains, that have contributed to the migration of Brazilians. These intrinsic dimensions and resulting from social relations can be improved through “hard security” as well as through “education” if we want to build *human security* in Brazil.

A mídia nacional e internacional tem colocado sob holofotes os recentes atos de violência no Brasil. O jornal britânico *The Independent* (12 out. 2004) anuncia a cidade do Rio de Janeiro como uma área de guerra, comparável à Chechênia e ao Sudão. Segundo o jornal, é normal ver os traficantes com fuzis AR-15 e AK-47 circulando pelos becos de muitas das 600 favelas da cidade. Dois dias antes da publicação, era assassinado o líder indigenista Apoena Meireles, da Fundação Nacional do Índio. Com um tiro no peito, dentro de uma agência bancária, calava-se uma voz amiga da causa de um dos grupos mais vulneráveis no Brasil: os indígenas. Esses são

¹ Gostaria de agradecer aos professores David Dewitt e Ed Dosnan pelo apoio durante o trabalho de investigação em Toronto, bem como aos imigrantes que participaram da entrevista.

apenas alguns exemplos da insegurança no país.

O Brasil não vive uma guerra civil, mas tem permitido a ação de grupos organizados que travam uma batalha sem trégua pelo domínio das zonas de tráfico de drogas em cidades como Rio de Janeiro e São Paulo. A insegurança permite-nos afirmar que, se não vivemos um Haiti, estamos experimentando formas de violência que podem ser caracterizadas como “guerras de baixa intensidade”. Esses conflitos provocam incertezas sobre a qualidade de vida e tensões sociais nas ruas das grandes cidades, assim como em regiões distantes do país. Desse modo, fica difícil não associar a migração internacional de brasileiros à insegurança no Brasil. Qual a relação entre a segurança dos indivíduos e a migração internacional? Os imigrantes percebem, observam a relação entre a insegurança e a sua migração? O que pensam os imigrantes brasileiros sobre a sua segurança? Observam a relação entre a segurança individual e a macrodimensão de segurança caracterizada, nesse caso, pela ação do Estado? Buscando respostas a essas questões, realizamos, em 2003, uma pesquisa com um grupo de imigrantes brasileiros em Toronto. O estudo indica-nos a existência da relação entre a busca de segurança e a migração para o Canadá. Concluiremos que a migração pode ser considerada como uma solução individual para a situação de vulnerabilidade e de ameaças vivida pelos imigrantes no país de origem, nesse caso, o Brasil.

A migração internacional como uma referência para os estudos críticos de segurança

São raros os trabalhos sobre os brasileiros no Canadá. Com uma abordagem socioeconômica, Goza (1999) realiza um estudo sobre os brasileiros nesse país, que era ponte para chegarem aos Estados Unidos, sobretudo porque até 1987 os brasileiros não necessitavam de vistos para entrar no país. Nos anos 80, a oferta de trabalho em Toronto, junto à ausência de discriminação, fez com que os brasileiros se estabelecessem na região. Como provedor de trabalho bem-remunerado e livre de discriminações,

o Canadá passa a ser, nos anos 90, destino de uma emergente comunidade brasileira sem documentos. Em 1992, mais de 1000 brasileiros ingressaram no Canadá. Em 1997 eram um total de 30.000 residentes. No estudo de Goza, nota-se que, a partir de 1987, os brasileiros começam a requerer mudança de *status* quando entram no Canadá, solicitando refúgio. Isso lhes garante, até os dias de hoje, direito de trabalho, estudo e benefícios sociais. Por ser um grupo relativamente pequeno (em 1997 eram 3% da população), os imigrantes brasileiros se converteram, desse modo, em um grupo invisível para os *policy makers*. Como outros grupos de imigrantes, eles são objetivo das políticas de imigração e de segurança nos países industrializados, porque podem ameaçar a qualidade de vida nesses países. Afetam a dinâmica da oferta de emprego e a oferta de serviços no sistema de saúde, por parte do Estado, por exemplo.

O relato dos imigrantes brasileiros no Canadá pode ser observado como uma contribuição aos estudos sobre segurança de forma crítica. Ou seja, através do modo como vêem a segurança interna no Brasil, por meio da experiência externa, nesse caso, no Canadá. Aqui, os brasileiros são vistos como “sujeitos”, são analisados como um grupo específico que tem sido capaz de desenvolver uma forma de buscar soluções para a sua insegurança, buscando segurança através da inclusão em outro grupo social. Em Toronto, os brasileiros formam um grupo étnico de segurança, na medida em que utilizam a cooperação dentro dos grupos civis como forma de continuidade dos valores nacionais brasileiros, assim como para assegurar as suas permanências no Canadá. Em trabalho anterior de investigação em Toronto, os grupos identificados foram: Grupo Brasil, Grupo Samambaia e Grupo Santo Antônio. Em cada um deles, observam-se diferentes objetivos, problemas e formas próprias de organização (SCHERVIER, 2003; MacFADDEN, 2004).

A experiência dos imigrantes brasileiros no Canadá pode ser analisada como estando relacionada ao tema da segurança, porque, em sua maioria, rompem com as barreiras de exclusão social interna no Brasil e, portanto, com a marginalidade e com a violência. Incluem-se no ambiente exterior. Conectam dois

mundos distintos, Brasil e Canadá, com distintas experiências de segurança humana. Por meio de uma abordagem dialógica, propusemo-nos fazer dos brasileiros canadenses não apenas informantes do seu novo *ethos*, mas pessoas com direito a uma voz reveladora em relação à sua situação de segurança e de insegurança, porque são *insiders* e *outsiders* ao mesmo tempo.

Falando da prática de viagem pós moderna, Clifford (1997) demonstra que o simples viajante é possuidor de uma cultura, de uma prática espacial que produz conhecimento, histórias, tradições, comportamentos a emergir do que o autor chama “cultura diáspora ou imigrante”. Entendemos que a experiência de transpor a fronteira (territorial, social, ideológica) oferece a cada um deles uma visão política crítica. Conforme Flores e Yudice (1990) apontam, “the border experience is made to produce powerful political visions: a subversion of binarisms, the projection of a ‘multicultural public sphere versus hegemonic pluralism’”.

Como sujeitos de uma história, a expressão oral dos imigrantes é estudada também como uma forma de metodologia. Necessitamos escutar o que têm a dizer esses brasileiros sobre o significado da segurança humana, porque, olhando “o outro”, identificamos nossas diferenças, nos avaliamos e podemos nos tornar melhores por nós mesmos. Os brasileiros foram vistos na pesquisa, como críticos da realidade brasileira e canadense, porque são possuidores de duas identidades: são o “nós” e são o “outro” em apenas oito horas de vôo entre Toronto e São Paulo. A experiência entre os limites do legal e do ilegal, do público e do privado, local e global, verão e inverno, nativo e cosmopolita, e os pólos Sul e Norte, lhes dá um marco prático de compreensão das duas diferentes experiências, por contraposição. Alguns autores reconhecem a importância de que a voz dos imigrantes seja levada em consideração porque são diretamente objetivo das políticas internacionais. Nas palavras de alguns autores,

to understand contemporary world politics, we need to recognize the role placed by no state, no governmental, even no institutionalized actors, amongst wich we must number politically active immigrants groups (BALI, 2001: 190).

to explain adequately and reflect effectively upon the structure of the international system, it is necessary to embody critical theory within a dialogical interaction among the multiplicity of voices to whom it is addressed (KEYMAN, 1997: 4).

to understand security from a broader perspective means to look at the ways in which the objects to be secured, the perceptions of threats to them, and the available means of securing them (both intellectual and material) have shifted over time (KRAUSE; WILLIAMS, 1997: 49).

Metodologia

Os entrevistados, em sua grande maioria, vivem na região portuguesa de Toronto. Como ocupação, têm trabalho na área da construção e limpeza. Uma pequena parte está constituída por profissionais liberais, engenheiros e empresários. Para todos, sem exceção, não foi difícil destacar as diferenças sobre a segurança no Canadá e no Brasil. Elaboramos um roteiro de entrevista buscando compreender os interesses dos brasileiros com relação à sua segurança. Exploramos como o discurso sobre segurança é interpretado pelos brasileiros em Toronto. O questionário, com questões semi-estruturadas e abertas, foi dividido em quatro partes. A primeira correspondeu à identificação dos entrevistados: o tempo de permanência no Canadá e as condições de legalidade; a segunda busca entender a relação dos entrevistados com os dois Estados: as razões pelas quais deixaram o Brasil e a razão de terem escolhido o Canadá. Perguntamos sobre o significado de *segurança* para eles. Na terceira, buscou-se aclarar a relação entre a inclusão e a exclusão, com perguntas relacionadas à participação na sociedade canadense e na comunidade brasileira. Na última parte, solicitamos que os entrevistados nos indicassem alguns fatores que poderiam contribuir para melhorar a segurança no Brasil. Começamos perguntando onde ele/ela se sentia mais seguro/a. No entanto, ao longo da entrevista isso estava muito óbvio, de modo que passamos a perguntar diretamente: “Por que você se sente mais seguro/a no Canadá?”

Características do grupo

A porta de entrada no Canadá pode ser o aeroporto Pearson, em Toronto. Os brasileiros *newcomers* se estabelecem no bairro português, possivelmente entre as ruas Dufferin e Dundas; não se importam em trabalhar na limpeza dos escritórios da University Avenue, em empresas de serviços ou em atividades independentes. Podem fazer seus passeios pela cidade, sem serem molestados e sem se preocuparem com suas bolsas. Aprenderão um pouco de inglês e sentirão saudades do Brasil ao caminhar sob o verão no High Park.

Os brasileiros entrevistados vieram, em sua maioria, do estado de Minas Gerais, em um total de 34 pessoas, seguidos de São Paulo, 21 pessoas, Rio Grande do Sul, 9 entrevistados, Rio de Janeiro, 7 entrevistados, Paraná, 6 pessoas, e Santa Catarina, 5 entrevistados, totalizando 82 entrevistados – 51 homens e 31 mulheres –, com idade variando dos 20 aos 60 anos.

Podemos observar que 28 do total estavam no Canadá há 3 anos; 26 há menos de 1 ano; 16 estavam há mais de 10 anos e 12 deles há mais de 5 anos. Do total, 17 tinham *status* de imigrantes, 9 afirmaram ser refugiados, 22 imigrantes diziam-se legais, 14 cidadãos canadenses e 18 escolheram a categoria “outros”, o que significa que são estudantes (alguns nessa condição, depois de cumprir o período, ficam como ilegais) e refugiados em processo de legalização. Apenas dois declararam abertamente sua situação de imigrantes ilegais.

A relação dos imigrantes com os dois Estados: Canadá e Brasil

De forma qualitativa, buscamos caracterizar o pensamento crítico do imigrante brasileiro em relação à segurança no Brasil, assim como em relação ao Canadá. Em outras palavras, buscamos entender como os imigrantes sentem a segurança através de situações cotidianas e que marcam ou não a presença do Estado.

Os brasileiros conheciam pouco sobre o Canadá antes de

imigrar. Quando se perguntou sobre o que sabiam do país antes de vir, afirmaram que viam o país como bom para trabalhar, um local seguro e com grande qualidade de vida, bom sistema de transportes e educação. Apontaram ainda que vieram pela necessidade de realização pessoal, pelo sistema político canadense (considerado democrático e transparente), por ser um país de clima frio e para fazer turismo. Ou seja, não tinham uma idéia geral sobre a sociedade e o Estado canadense antes de sua chegada.

Quando pedimos que citassem, de forma espontânea, as razões pelas quais deixaram o Brasil, os imigrantes apontaram a busca de trabalho no novo país e a *insegurança no Brasil* como motivação. A insegurança foi relatada em variadas formas: fuga da violência nas ruas, insegurança pessoal, ausência de melhoria na expectativa de vida, insegurança financeira e falta de condições para a realização pessoal. Em terceiro lugar, o fator mais citado foi a busca de educação, o que inclui educação gratuita para os filhos e a aprendizagem da língua inglesa, assim como a busca de mais cultura e de crescimento pessoal.

A política foi citada como razão para terem deixado o Brasil. Isso inclui a desonestidade dos políticos, a corrupção, a falta de cumprimento às leis e o descrédito para com as instituições. Outros fatores apontados foram: a ausência de um bom sistema de saúde, a busca de união familiar, a má qualidade de vida no Brasil e, por último, a busca de aventura.

O significado de segurança para os imigrantes brasileiros no Canadá

Em relação à segurança, buscamos entender o que esse termo significava para os imigrantes brasileiros. Quando perguntamos: “o que é segurança para você?”, obtivemos, independente de ocupação, sexo, região de origem no Brasil e o tempo de permanência no Canadá, as mesmas respostas. Segurança se traduz em fatos simples do dia-a-dia. Os brasileiros-canadenses responderam que segurança significa poder sair tranqüilo à rua, pois se algo acontece, alguém será

responsabilizado; se há agressão, haverá uma defesa por parte do Estado, especialmente se a vítima for mulher, criança ou indígena. É andar pela rua com seus pertences, é não ser assaltado; “é andar com o carro com o vidro aberto”, disse uma entrevistada; “deixar o carro estacionado, voltar e encontrá-lo”; “deixar a casa aberta e não temer os roubos” (E23). “É tomar um ônibus as três da manhã... é não ter que andar olhando para os lados (E30)”. Para um dos entrevistados, segurança é ter “paz na família e bons amigos” (E21). É ter, como disseram muitos, um sistema de saúde de boa qualidade garantido para todos os cidadãos, ao contrário do que ocorre no Brasil, onde “só há saúde para quem tem dinheiro” (E81). Um entrevistado relatou que necessitou fazer uma intervenção cirúrgica de apêndice no Hospital Saint Joseph, de Toronto. Antes da cirurgia, uma psicóloga, parte da equipe médica, tentava acalmá-lo para a operação e ele respondeu: “Estou tranquilo. Vocês são os que têm que estar preocupados. Porque nada acontecerá comigo. Porque eu sei que se ocorrer algo, vocês serão responsabilizados, não eu. Estarei no céu” (E81). “É não ter medo de fazer investimento no futuro” (E38). Dois dos entrevistados afirmaram que segurança é ter qualidade de vida política, participando livremente na vida política de seu país. Pelos menos três dos entrevistados afirmaram que segurança é mais que uma participação social, é uma *aprendizagem pessoal, de respeito às diferenças*. Ter segurança, nas palavras de um entrevistado, é ter garantias “contra os interesses da classe burguesa” (E08). Em outras palavras, é ter a garantia de respeito à sua condição de trabalhador. Especialmente, na opinião de outro imigrante, “ter liberdade de escolha”, ou ainda, “confiar no sistema policial” (E63).

Das condições para ter uma vida segura, citadas pelos entrevistados, observamos que todas se caracterizam, de acordo com o que pode ser considerado pela ONU, como condições para a segurança humana. Isso se traduz em dizer que os imigrantes brasileiros buscavam qualidade de vida humana e, portanto, segurança. Assim mesmo, conhecendo pouco ou nada sobre o Canadá, os brasileiros viam-no não apenas como oportunidade de trabalho, mas também como um ambiente

social com boas condições para a realização humana.

Observamos que mais de 50% dos entrevistados, ou seja, 55 do total de 82, haviam sido vítimas de alguma forma de violência no Brasil, diretamente ou relacionada aos seus familiares. O assalto à mão armada foi a forma mais freqüente de violência. Citaram também o seqüestro, a perseguição política e o estupro (a entrevistada nos relatou que havia sido vítima de estupro no Brasil. Não havia denunciado por medo de seu agressor e também porque sabia ela que a Justiça não faria nada). É relevante apontar que foi doloroso para alguns falar sobre o fato: alguns se emocionaram e outros simplesmente se negaram a falar sobre o tema; um dos entrevistados tinha seu irmão recém-libertado de um cativeiro de seqüestradores em Minas Gerais. Outro entrevistado se negou a dar maiores detalhes de sua saída do Brasil, uma vez que deixou o país por questões políticas em seu estado, Espírito Santo (E56). Em 2001, esse estado estava sob intervenção do governo federal, pelo fato de haverem sido desmanteladas atuações ilícitas, como jogos ilegais, e no Tribunal de Contas do Estado havia um processo por corrupção, lavagem de dinheiro e compras superfaturadas, o qual fez com que o governador fosse afastado do cargo.

As razões para se sentirem mais seguros no Canadá

Começamos perguntando onde ele/ela se sentia mais seguro/a. No entanto, ao longo da entrevista isso estava muito óbvio, de modo que passamos simplesmente a perguntar: “Por que você se sente mais seguro/a no Canadá?”. As respostas demonstraram o significado do termo segurança por meio de uma análise comparativa de situação de segurança no Canadá e no Brasil.

1) No Canadá

a – sentem-se seguros *fisicamente* porque não experimentam as ameaças diretas. Podem dormir com a porta

aberta, podem caminhar pela rua tranquilos, mesmo usando relógio ou jóias e com a bolsa aberta. Não têm medo de serem seqüestrados e os filhos voltam da escola. Os policiais “estão bem equipados”; “estão mais bem preparados e presentes nas ruas”.

b – *economicamente*, observam a estabilidade e podem planejar sua vida com mais oportunidades. Por outro lado, independente da “classe social”, todos têm acesso aos bens de consumo, sem discriminação. Um dos entrevistados relatou: “Aqui, se eu quero comprar algo, serei bem-atendido em qualquer loja, com qualquer camisa que estiver vestido. Aqui, ricos e pobres compram igual, nas mesmas lojas”. Observamos uma grande facilidade em abrir contas em agências bancárias, e um entrevistado nos disse da facilidade que existe em conseguir empréstimos bancários para a aquisição de moradia. É relevante considerar que muitos deles têm dois empregos para fazer frente às suas necessidades pessoais e de suas famílias no Brasil.

c – outro tema colocado pelos entrevistados diz respeito à *segurança social e familiar*. Os brasileiros-canadenses percebem haver normas que devem ser seguidas, como, por exemplo, a proibição da venda de bebidas alcoólicas depois das duas horas da manhã. Os menores de idade não ficam na rua depois das 10 horas da noite. Nas palavras dos imigrantes, não é ruim que haja um controle e regras sociais impostas pelo Estado, desde que estas sejam válidas para a defesa do bem-estar comum e dos indivíduos.

d – observamos que há uma *segurança identitária* ou *ideológica* vivida pelos imigrantes no Canadá quando eles dizem que há “futuro” naquele país. Existe uma relação de confiança no Estado. Afirmam que “há mais transparência, todos têm informação sobre o que ocorre no Parlamento”. Em relação ao Estado, os brasileiros-canadenses percebem que as leis funcionam e são mais severas e a Justiça “não tarda nem falha”. Há, portanto, uma relação de identificação entre as pessoas e o Estado, seja pela possibilidade do uso da força e da coerção, seja através da educação ou do uso das instituições. Os entrevistados apontam que há um futuro garantido para seus filhos, por exemplo, por um sistema de educação e saúde, no respeito ao trânsito, nos ambientes públicos e entre as pessoas,

com educação para a população em geral. Afirmam que há menos corrupção, não há perseguição política e as normas são seguidas por todos. Uma das entrevistadas afirma: “me identifico com as normas daqui. No Brasil, por exemplo, os homens nunca dão preferência para as mulheres” (E40). Assim, a segurança humana pode ser analisada também nas relações entre os gêneros.

2) No Brasil

Em contraposição à experiência na sociedade canadense, os brasileiros-canadenses expressaram sua crítica à realidade brasileira de forma espontânea. Ou seja, a reflexão crítica que fizeram ao Estado canadense possibilitou que se voltassem ao tema “Brasil” de forma comparativa. Em relação a este país, os entrevistados afirmam que não há proteção do Estado. Expressaram que não podiam fazer planos, tinham muito estresse, os órgãos públicos não funcionam. Em suas palavras: “quem é réu primário não vai para a cadeia” (E29), ou seja, há muita facilidade na Justiça para os criminosos. Afirmaram, além disso, que no Brasil há muita miséria, fome, e que tudo isso influi nas pessoas. Apenas em três situações afirmaram que estariam mais seguros no Brasil: um, porque estaria com a sua família, e dois disseram que não tinham documentos no Canadá, ou seja, por questões legais.

O apoio das instituições

Quando se perguntou onde seria mais fácil a defesa por meios legais, os brasileiros-canadenses afirmaram, em sua maioria, que:

1) No Canadá teriam mais facilidades para defender-se por meios legais, se fosse necessário. As respostas expressando a facilidade com que se pode utilizar a Justiça ou a defesa legal no Canadá aponta para o fato de que há menos corrupção no sistema legal do país; a Justiça funciona porque há menos impunidade, mais acesso à informação e as leis são respeitadas.

Funciona aquilo que está escrito, e o sistema garante a defesa para os que não podem pagar pela justiça. Afirmaram ainda que dinheiro não compra os juízes. Todos são iguais perante a lei e, em caso de serem vítimas de alguma forma de violência, recebem todo o apoio do Estado – apoio psicológico, intérpretes – fazendo com que a vítima se sinta segura. A justiça é observada de forma prática, no apoio prestado pelas instituições, considerado como sendo realizado com transparência e respeito aos indivíduos. O trabalho da polícia é apontado como fator para que haja mais justiça. A polícia é vista como mais educada e atuante. Segundo os relatos, o trabalho entre as diferentes polícias é melhor porque seus servidores não estão corrompidos. Observamos que dos 82 entrevistados, 13 afirmaram que não poderiam responder porque não sabiam ou não haviam utilizado o sistema legal, a Justiça, no Canadá. Um dos entrevistados citou que “se você pode pagar um advogado é melhor, porque haverá um maior esforço da Justiça em trabalhar o seu caso” (E29).

2) Em relação ao Brasil, os imigrantes brasileiros no Canadá apontaram que existem as propinas, não se pode confiar na polícia e o ser humano é menos respeitado. Afirmaram que há “na Justiça” muita discriminação e os indivíduos têm que “suplicar” para que respeitem os seus direitos. A posição social dos indivíduos é importante e as leis são para punir os desprivilegiados. Ou seja, existem sanções para os indivíduos menos favorecidos. Um dos entrevistados relatou que uma das causas da imigração foi a ausência, no Brasil, dos direitos dos trabalhadores, posto que a empresa (de aviação) na qual trabalhava faliu por má administração e os trabalhadores não puderam receber seus direitos (E29). Por outro lado, foi visto como positivo o fato de que no Brasil existe a Secretaria de Defesa do Consumidor. Um dos entrevistados afirmou que como cidadão brasileiro se têm mais direitos no Brasil.

A relação entre inclusão e exclusão

Na terceira parte do questionário, buscamos analisar a relação entre *inclusão* e *exclusão* dos brasileiros junto à

sociedade canadense e junto à comunidade brasileira em Toronto. Isso significa dizer que a relação de segurança pode ser entendida através da busca de inserção dentro da exclusão e vice-versa. Essa relação é relevante para ilustrar onde estaria o limite entre os de “dentro” e os de “fora” no grupo social canadense de forma geral e na comunidade brasileira de forma particular. Explicamos: o sentimento de exclusão e inclusão é relevante neste estudo porque demonstra a confiabilidade entre o indivíduo e o meio, podendo ser considerado, portanto, um item da segurança humana no que poderíamos qualificar de *segurança sociofamiliar*. Entretanto, a relação de inclusão pode ser vista como vinculada à “segurança identitária ou ideológica”, uma vez que será através da construção ideológica de “nação” que essas relações entre o “eu” e o “outro” poderão ser observadas no meio transnacional.

A expressão dos brasileiros sobre seu sentimento de inclusão e exclusão é reveladora de uma situação dupla. Ao mesmo tempo em que buscam a inclusão na sociedade canadense (especialmente quando procuram trabalho), vêem-se através das diferenças culturais e físicas como pertencendo a seu grupo étnico, do qual buscam se distanciar. Então, o limite entre o “outro” e o “nós” não está além das fronteiras, mas internamente, na relação interétnica. Dessa forma, a inclusão, de forma ampla, dependerá do:

1) grau de *pertencimento à comunidade canadense*, que por sua vez depende de fatores como:

a) situação de legalidade do brasileiro/brasileira, especialmente do “recém-chegado/a”;

b) situação econômica do imigrante, porque os que são liberais, legais, dependem menos ou não dependem de outros brasileiros para estabelecer-se e podem ter relação mais direta com outros canadenses (na situação de trabalho, por exemplo);

c) tempo de permanência no país, ou seja, da incorporação à cultura local. Alguns, mais estabelecidos cultural e economicamente, vivem fora da área portuguesa.

2) grau de exclusão dentro do pertencimento. Em outras palavras: a busca por inclusão individual (consciente ou não) na

sociedade canadense abre possibilidades de experimentar a exclusão étnica. Ao mesmo tempo, está presente uma forma de segurança *ideológica* com a política do multiculturalismo. Observa-se que não há uma dinamização dos processos de inclusão étnica, com a mestiçagem, o que poderá ocorrer em algumas décadas, com as próximas gerações. Os brasileiros/brasileiras sentem que são parte da comunidade canadense quando entendem que a preservação da cultura brasileira é parte de uma inserção mais ampla. Ou seja, ser multicultural é uma das regras sociais. Isso é observado quando um imigrante expressa: “os canadenses gostam que cada um preserve a sua cultura” (E09). Essa expressão pode ser entendida como o limite da exclusão dentro da inclusão social.

Para serem mais incluídos que excluídos, os brasileiros aprendem as regras de segurança e expressam: “eles são formais, mas acabamos aprendendo isso também”; ou ainda: “tu aprendes a respeitar o outro, porque há gente de todo o mundo (E04)”. Essa busca de inclusão, entretanto, é uma relação mediada pelo Estado, através das normas, ou seja, é uma identidade da nação, uma vez que as obrigações e deveres são percebidos de forma concreta. É comum a expressão: “você tem que caminhar pela lei”. Outro entendimento é de que o Canadá está formado por imigrantes e que “você é canadense na medida em que tem uma vida correta, ao não transgredir as leis”. Em outras palavras, os imigrantes são conscientes de que pagarão por seus erros, por menores que sejam. Por exemplo, um entrevistado foi multado junto com outros pedestres por estar atravessando a rua com o sinal vermelho² (E04). O policial que o multou disse antes que aquela atitude não era pessoal, pelo fato de ele ser um homem de cor, mas pelo fato de haver colocado a sua própria vida em risco. Apesar desse rigor, a polícia é percebida pelos brasileiros como responsável no Canadá e irresponsável no Brasil. A partir dos relatos, podemos caracterizar o processo de *inclusão* e de *exclusão* desta forma:

² Ver em: Nota do periódico *Metro*, e em: www.metropoint.com, em 3 mar. 2003.

1. A inclusão

A inclusão se realiza através da educação e do trabalho. Os brasileiros vêm na aprendizagem da língua inglesa uma forma de sentir-se canadense. A aprendizagem ideológica sobre o respeito humano e a importância do trabalho social é entendida como um chamado do governo para a inclusão. Entendemos que há uma educação da população por parte do governo, com a difusão de uma cultura de segurança, que se traduz, por exemplo, no marketing nas ruas, na defesa da igualdade e no respeito ao ser humano. Há uma clara demonstração do Estado, nos programas sociais, de rechaço a toda forma de discriminação ou racismo e no respeito às outras culturas. Entretanto, não foi nosso objetivo analisar o discurso do governo ou das elites do Canadá. Detivemo-nos na observação de que há uma tentativa de conter as discriminações, como o racismo, que podem ocasionar situações de vulnerabilidade. Lembramos que o governo pode reproduzir e ensinar as categorias sociais de diferença, através do discurso das elites e do próprio governo (Van DIJK, 2003). Até onde podemos observar, ao contrário da Europa e da América Latina, como nos demonstra Van Dijk, no Canadá há apoio governamental contra o racismo para a inserção dos imigrantes de forma ampla, inclusive com serviço de tradução nos órgãos governamentais. Todavia, é possível viver sem ter que adaptar-se à cultura canadense, ou seja, vivendo em seu próprio grupo étnico.

Economicamente, os brasileiros estabelecem relação de trabalho com os portugueses, que são considerados mais canadenses, pelo fato de ser um grupo maior e mais estabelecido. Desse modo, conseguem trabalho, se inserem, além de obter conta bancária e cartão de crédito. Ter sua própria casa é uma das formas mais visíveis de inclusão na sociedade canadense, porque isso pressupõe as outras condições, como aquisição de trabalho, conhecimento da cultura local e desejo de permanência. Os entrevistados que afirmaram não se sentir parte da sociedade canadense em geral justificam o sentimento de não-pertencimento com o fato de não possuírem a cidadania, por não terem contato com os canadenses ingleses, pois estes são frios e não se misturam.

2. A exclusão dentro da inclusão

Diferentemente de outros grupos étnicos, pudemos observar uma recusa dos imigrantes em ter relações com os compatriotas. Ou seja, na relação de pertencimento à comunidade brasileira em Toronto, o que poderia ser caracterizado como a relação entre o “outro” e o “nós” dentro do subgrupo de brasileiros. A separação reproduz, em certa medida, a desagregação ou estratificação social no país de origem. Isso foi revelado pelo fato de que alguns entrevistados expressaram a vontade de ter menos contato com outros brasileiros.

Os brasileiros no Canadá sentem que formam parte de uma comunidade, porque falam a mesma língua, freqüentam os mesmos lugares: a igreja, os restaurantes e bares, as lojas, trabalham com outros brasileiros, assistem à TV Globo do Brasil, lêem o periódico brasileiro ou o da comunidade portuguesa e têm amigos brasileiros. Por outro lado, foi freqüente a resposta de que preferem não se relacionar com outros brasileiros. São orientados, quando chegam, a não confiar nos outros porque os compatriotas não se ajudam e por haver diferenças entre os brasileiros, dependendo do estado de origem no Brasil.

Propostas para melhorar a segurança no Brasil

Quando se perguntou sobre o que poderia contribuir para a melhoria da situação de insegurança no Brasil, os brasileiros no Canadá não hesitaram em dizer que teria de haver uma melhoria na situação de bem-estar da população. Os itens foram apontados livremente. Apenas dois entrevistados definiram como insolúvel a situação de insegurança no Brasil. Um dos entrevistados afirmou que não há solução e outro não respondeu.

A segurança física no Brasil é uma condição que depende da presença da polícia. Os brasileiros assim o entenderam quando apontam a necessidade de aumentar os soldos das polícias, como meio para evitar a corrupção, e também de que a polícia seja mais honesta e de que haja treinamento, integração

das polícias e ampliação do efetivo nas ruas, com melhor equipamento. A polícia no Brasil foi acusada de não ser preparada, enquanto, no Canadá, “há os sem preparo, mas eles pensam antes de fazer algo e servem à comunidade” (E11). Os entrevistados sugeriram a necessidade de repressão ao tráfico de drogas e de armas. Um dos entrevistados explicou que “em Toronto, por exemplo, há os pontos de venda de drogas, mas ninguém te oferece. Pode passar à noite pela rua que eles (os traficantes) não vão te incomodar como ocorre no Brasil”.

Segundo os entrevistados, a segurança no Brasil poderia melhorar se houvesse uma melhor distribuição de renda. Isso significa crédito do governo ao consumo, moradia para a população e a necessidade de acabar com a fome dos necessitados, com programas de desenvolvimento junto à iniciativa privada. É relevante observar que grande parte dos entrevistados apontaram a necessidade de criação de empregos para pôr fim à violência. A ausência de emprego é vista por 25 dos 82 entrevistados como causa da violência, e assim, da condição de insegurança no Brasil.

Dimensões da segurança humana

Através das respostas dos entrevistados, podemos traçar algumas dimensões da segurança humana, desde a percepção dos imigrantes, de forma a facilitar a compreensão do conceito e da prática, da seguinte forma:

- a) segurança física com ausência de violência direta ou a seus pertences;
- b) segurança sociofamiliar;
- c) segurança econômica;
- d) segurança identitária ou ideológica.

Segurança física: a segurança física está relacionada à proteção da integridade física e material, ou seja, das pessoas e de seus pertences, por parte do Estado. É um paradoxo que isso seja muito perceptível no Canadá pelo fato, por exemplo, de não haver policiais armados nas portas dos bancos ou nas lojas, como

ocorre no Brasil. O que significa que segurança não é ter a presença da força física. Em outras palavras, é não ter que recorrer à presença da polícia que caracteriza o “grau de segurança”. É interessante que dois dos entrevistados observaram que na agência de remessa de dinheiro para o Brasil, Brazil Remittance, e nas agências bancárias da cidade, não há sistema de segurança, como no Brasil.

Segurança sociofamiliar: essa forma de segurança se traduz na relação da pessoa com o seu meio social e familiar de maneira garantida pelo Estado. É viver em um sistema que promova a tranquilidade familiar, o sistema de saúde, o apoio aos problemas familiares por meio dos Centros Comunitários, o apoio e o respeito aos assuntos da mulher e das crianças e ainda nos conflitos familiares. Pelo menos três entrevistados sugeriram que segurança é maior qualidade de vida e oferta de cultura. Apontaram a necessidade de um plano social de previdência bem-feito, mais respeito do governo junto à população, controle de natalidade, mais segurança para as mulheres e a necessidade de tirar as crianças das ruas. Observamos que os programas de governo, como a busca de ocupação e até os aspectos de urbanização, podem ser analisados como características da segurança na comunidade.

Segurança econômica: essa forma de segurança está relacionada à presença de condições de empregabilidade e de estabilidade econômica e social. Como exemplo, ter no Governo um aliado das necessidades da classe trabalhadora. Para os brasileiros-canadenses, uma economia estável e com igualdade de direitos para todos os trabalhadores e com menor desigualdade salarial é um fator de segurança econômica. Segurança econômica significa, de acordo com os entrevistados, o acesso aos créditos bancários e a aquisição de alimentação, moradia e cultura.

Segurança identitária e ideológica: observamos, entretanto, haver formas de segurança que não podem ser medidas objetivamente, porque estão no plano das idéias, e sobre elas se constrói a relação entre o Estado e os indivíduos, e vice-versa, na relação do indivíduo para com o Estado.

A segurança ideológica pode ser entendida como sendo

as idéias que o Estado vai construir para a sua população e que serão veiculadas através da cultura, da educação, dos meios de comunicação. Os indivíduos se sentem mais seguros quando o Estado mantém um conjunto de idéias que são veiculadas através das instituições. Segurança ideológica é uma relação educativa do Estado com os indivíduos. Nessa prática social de segurança, as instituições podem ser mantenedoras das idéias de justiça, transparência e democracia junto aos cidadãos. A educação foi um fator apontado por 29 dos 82 entrevistados como uma forma de garantir mais segurança para a população. Trata-se do conjunto de valores difundidos amplamente na sociedade. Ou seja, de forma positiva, a educação é uma maneira de difundir ideologia, por exemplo, a favor das minorias, ou ainda de garantir a microssegurança, quando, por exemplo, difunde a norma de que a crítica aos outros que têm cultura ou costumes exóticos pode gerar uma causa na Justiça.

Entre os entrevistados, o que chamamos *segurança ideológica* foi apontado como educação no meio social. É o “respeito às pessoas”. Por essa razão, segurança é intrinsecamente vinculada a educação, já que é uma relação entre os seres humanos. A educação como fator de segurança é entendida principalmente como disseminação dos valores. De forma prática, isso significa mais respeito entre os cidadãos, da polícia para com os cidadãos, do governo para com população em geral, inclusive com um sistema penitenciário que seja educativo.

A *segurança identitária* ocorre quando os indivíduos confiam no sistema jurídico, seguem as normas, são leais à ideologia do Estado. A segurança identitária tampouco pode ser medida. Nessa categoria agregamos as sugestões dos indivíduos sobre o que esperam do governo. Ou seja, é quando os indivíduos compartilham a ideologia do Estado. Os imigrantes demonstraram ter expectativas em relação ao Estado. Essa identificação pode concretizar-se quando as pessoas têm a possibilidade de se apoiar no sistema político e judicial e estão envolvidas na dinâmica das instituições e na solução dos problemas sociais.

Os entrevistados apontaram a necessidade de ter no Brasil leis mais rígidas e mais justiça, com mudanças na política para facilitar a punição dos políticos corruptos. Por esses motivos, poderíamos dizer que a segurança *identitária* e a segurança *ideológica* devem caminhar juntas. Uma é a relação do Estado para com a sua população (uma construção ideológica). A outra, a confiança e a expectativa dos cidadãos para com o seu Estado (identificação da idéia de nação).

Conclusão

Em primeiro lugar, a expressão *segurança humana* nos parece redundante, porque existe segurança apenas na relação humana, na capacidade que o homem tem de ser consciente de suas ações em relação ao “outro”. Considerando a segurança como sendo composta por fatores intrínsecos à vida humana, como necessidade de garantias à vida, provisão de bens materiais e de ordem cultural, podemos entender que a migração internacional está relacionada à busca de maior segurança. Isso pode ser corroborado pela experiência dos brasileiros no Canadá. Nos relatos dos imigrantes, estes relacionaram a sua ida para o Canadá à insegurança no Brasil. É oportuno observar que as respostas sobre a razão para a imigração foram relacionadas de forma espontânea à insegurança no Brasil.

Os imigrantes brasileiros entendem a ação do Estado como desejável para conter as ameaças e as vulnerabilidades no Brasil. Afirmaram a necessidade da ação do Estado pela contenção física e presença de policiais. Mas também afirmaram que a segurança ocorre por meio da ação educativa no meio social, quando há respeito pelas diferenças entre as pessoas e respeito à individualidade. O fator educacional foi observado como uma das dimensões mais apontadas quando falavam sobre a segurança no cotidiano.

A segurança, portanto, está mais fortemente relacionada à educação do que ao uso da força policial. Essa observação foi justificada com exemplos da vida cotidiana, como o respeito no

trânsito, entre os indivíduos, entre os grupos étnicos e entre os grupos vulneráveis como as crianças. Nessa direção, a experiência com os brasileiros no Canadá demonstra que a *segurança* é feita em uma relação dinâmica entre o que o Estado propõe para os seus indivíduos e a resposta social, através da lealdade desses indivíduos para com aquelas propostas do Estado. Desse modo, não existe segurança sem o compromisso e responsabilidade do Estado para com os indivíduos e dos indivíduos junto às propostas governamentais. Nesse campo, ganham força o papel das instituições e a sua atuação no apoio às necessidades dos indivíduos e, ao mesmo tempo, na educação dos indivíduos para a governabilidade local.

A possibilidade do uso da coerção por parte da força policial é vista como último recurso para as situações de ameaça aos indivíduos, uma vez que a cultura do respeito às normas e aos direitos humanos é “ensinada” pelo Estado no Canadá. Também deve ser mencionado que os imigrantes buscam a legalidade no país, e para isso é imprescindível a observância às normas vigentes.

O estudo ofereceu a oportunidade de se analisar uma experiência transnacional sob a abordagem crítica nas Relações Internacionais, uma tendência já presente na academia canadense e européia, mas ainda inexistente na academia brasileira. Em outras palavras, a expressão dos imigrantes foi uma maneira de dar voz a um grupo que em geral é passivo quanto aos efeitos das políticas de migração.

Finalmente, a segurança pode ser entendida como relação humana em que não há ameaça física nem ideológica entre as pessoas. É uma situação na qual estão livres da opressão tanto de ordem material como de ordem psicológica. Nesse sentido, contra as situações de ameaças, os cidadãos devem poder contar tanto com a ação forte e a presença do Estado quanto com os exemplos institucionais com a participação democrática local. Para isso, são fundamentais o diálogo e a cooperação local, nacional e internacional em matéria de segurança.

Referências

- BALI, S. Migration and refugees. In: WHITE, B.; LITTLE R.; SMITH M. (eds.). *Issues in world politics*. 2. ed. New York: Palgrave, 2001.
- CLIFFORD, J. *Routes: travel and translation in the late twentieth Century*. Harvard University Press, 1997. p. 37.
- FLORES, Juan; YUNICE, George. Buscando América: languages of set formation. *Social Text*, n. 24, p. 57-84, 1990.
- GOZA, F. Brazilian immigration to Ontario. *International Migration*, v. 37, n. 4, p. 765-784, 1999.
- KEYMAN, E. F. *Globalization, state, identity/difference: toward a critical social theory of international relations*. New Jersey: Humanities Press, 1997.
- KRAUSE, K.; WILLIAMS, M. (eds.). *Critical security studies: concepts and cases*. Cambridge: University of Minnesota, 1997.
- MacFADDEN, M. A. J. Social insertion and identity construction of second generation Brazilian immigrants in Canada. *Interfaces Brasil-Canada*, ABECAN, n. 4, 2004.
- SCHERVIER, Z. F. O pós-internacionalismo e a migração internacional de brasileiros: ruptura ou continuidade? *Interfaces Brasil-Canadá*, ABECAN, n. 3, 2003.
- Van DIJK, Teun A. *Dominación étnica y racismo discursivo en España y América Latina*. Barcelona: Gedisa, 2003.